

**Extensio  
UFSC**Revista Eletrônica  
de Extensão

## ENTRE A ARTE E O CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: OFICINAS COM MULHERES QUE VIVEM COM ESQUIZOFRENIA NO SUL DO BRASIL

**Roger Flores Ceccon**

Universidade Federal de Santa Catarina

roger.ceccon@hotmail.com

**Fabiane Perondi**

Universidade Federal de Santa Catarina

perondi.fabiane@gmail.com

**Janeisa Franck Virtuoso**

Universidade Federal de Santa Catarina

janeisa.virtuoso@ufsc.br

### Resumo

O objetivo deste texto foi narrar experiências da extensão universitária desenvolvidas por estudantes e professores dos cursos de Fisioterapia e Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina com mulheres que vivem com transtornos psiquiátricos. Foram realizadas 32 oficinas de arte-cuidado no âmbito do projeto Nise da Silveira, incluindo dispositivos como a pintura, contação de histórias, música, escrita, fotografia, dança e colagem. Participaram 30 mulheres que residem em um Lar de Acolhimento no município de Araranguá, Santa Catarina. As experiências narradas trazem em si a potência para transformar a forma como estudantes da área da saúde significam e ofertam cuidado a pessoas com transtornos psiquiátricos. Ainda, contribuem para qualificar a formação e a atuação de profissionais implicados com a realidade social, com o Sistema Único de Saúde e com a vida, cuja ética baseia-se no vínculo, na produção de novas subjetividades e em práticas pautadas no afeto.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Arte. Formação em Saúde. Cuidado em Saúde.

## BETWEEN ART AND MENTAL HEALTH CARE: WORKSHOPS WITH WOMEN LIVING WITH SCHIZOPHRENIA IN SOUTHERN BRAZIL

### Abstract

The objective of this text was to narrate university extension experiences developed by students and professors of Physiotherapy and Medicine courses at the Federal University of Santa Catarina with women living with psychiatric disorders. 32 art-care workshops were held within the scope of the Nise da Silveira project, including devices such as painting, storytelling, music, writing, photography, dance and collage. 30 women who lived in a Shelter in the municipality of Araranguá, Santa Catarina participated. The experiences narrated have the power to transform the way health students understand and offer care to people with psychiatric disorders. Furthermore, they contribute to qualifying the training and performance of professionals involved with social reality, with the Unified Health System and with life, whose ethics are based on bonding, on the production of new subjectivities and on practices based on affection.

**Keywords:** Mental Health. Art. Health Training. Health Care.

## ENTRE EL ARTE Y EL CUIDADO DE LA SALUD MENTAL: TALLERES CON MUJERES QUE VIVEN CON ESQUIZOFRENIA EN EL SUR DE BRASIL

### Resumen

El objetivo de este texto fue narrar experiencias de extensión universitaria desarrolladas por estudiantes y profesores de las carreras de Fisioterapia y Medicina de la Universidad Federal de Santa Catarina con mujeres que viven con trastornos psiquiátricos. Se realizaron 32 talleres de cuidado del arte en el ámbito del proyecto Nise da Silveira, incluyendo dispositivos como pintura, narración, música, escritura, fotografía, danza y collage. Participaron 30 mujeres que vivían en un Albergue en el municipio de Araranguá, Santa Catarina. Las experiencias narradas tienen el poder de transformar la forma en que los estudiantes de salud entienden y ofrecen atención a las personas con trastornos psiquiátricos. Además, contribuyen a calificar la formación y desempeño de profesionales involucrados con la realidad social, con el Sistema Único de Salud y con la vida, cuya ética se basa en el vínculo, en la producción de nuevas subjetividades y en prácticas basadas en el afecto.

**Palabras clave:** Salud Mental. Arte. Formación Sanitaria. Cuidado de la Salud.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 21, n. 49, p. 21-31, 2024.

## INTRODUÇÃO

O modelo asilar predominou a assistência psiquiátrica ao longo do século XX no Brasil, pautado no tratamento em manicômios, instituições precárias onde a maioria dos pacientes internados sequer tinha diagnóstico de doença mental. A criação e manutenção desses estabelecimentos era fundamentada na intenção de tirar da sociedade todos aqueles que se desviavam dos padrões de civilidade, tendo papel de controle social, disciplina e normatização de corpos e comportamentos (Silva et. al, 2020).

Na década de 1940 teve início na Europa um debate contrário às abordagens tradicionais no tratamento de transtornos mentais. No contexto brasileiro, as internações em manicômios seguiam ocorrendo de forma arbitrária, mantendo os pacientes em cativeiros, sob condições de violência e total desrespeito aos direitos humanos. O movimento da Luta Antimanicomial no Brasil emergiu em 1987, no I Encontro de Trabalhadores da Saúde Mental, adotando o lema “Por uma sociedade sem manicômios” (Amarante e Nunes, 2018).

A Lei Federal 10.216, de 2001 (Brasil, 2001), conhecida como a lei da Reforma Psiquiátrica, contribuiu para que o país avançasse na adoção de um modelo de atenção psicossocial, reconhecendo a pessoa com transtorno mental como cidadão de direito, regulamentado e com assistência de instituições, profissionais de saúde, familiares, sociedade e Estado. Ainda, as práticas propostas pela Reforma Psiquiátrica brasileira propuseram o cuidado em saúde mental de forma humanizada, baseadas pela perspectiva ética proposta pela psiquiatra Nise da Silveira.

Nise da Silveira revolucionou o campo da saúde mental ao romper com as práticas violentas utilizadas pela psiquiatria, propondo o cuidado por meio da arte, do afeto e da expressão das emoções. A psiquiatra desenvolvia atividades expressivas com os pacientes deixando-os à vontade, sem roteiro a ser seguido, para que usassem a arte como forma de expressar aquilo que estava vivo em si (Gomes e Leite-Junior, 2022). Por outro lado, empregava a arte como forma de terapia, respaldando seu modo de cuidar pelo afeto. O projeto terapêutico de Nise era voltado para uma dimensão até então ignorada, a subjetividade, ou seja, uma clínica para o sujeito como um todo, na qual o seu processo de adoecimento não o impedia de participar do convívio social e familiar.

No âmbito da formação em saúde no Brasil, os cursos de graduação historicamente têm sido influenciados por modelos centrados na doença e na perspectiva técnica do cuidado. Assim, professores, estudantes e profissionais acabam reproduzindo, muitas vezes, modos tradicionais de

assistência à saúde, produzindo práticas fragmentadas e insuficientes diante das necessidades de pessoas com transtornos mentais (Emerich e Onocko-Campos, 2019).

No município de Araranguá, região do extremo sul de Santa Catarina, no ano de 2022 foi criado o Projeto de Extensão “Nise da Silveira: entre a arte e o cuidado em saúde mental”, uma ação desenvolvida pela Escola de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), baseada nas práticas cunhadas por Nise da Silveira. As atividades foram realizadas durante 18 meses no Lar de Acolhimento San Marco.

Esse projeto de extensão aposta na arte como ferramenta produtora de potência de vida, e seu objetivo principal é promover cuidado em saúde mental por meio de oficinas de arte-cuidado às mulheres com transtornos psiquiátricos graves institucionalizadas no município de Araranguá. Outros objetivos envolvem promover saúde e qualidade de vida às mulheres com transtornos psiquiátricos graves e institucionalizadas; produzir afeto e sensibilidade nos sujeitos envolvidos no projeto; formar vínculos e relações de confiança entre o Lar de Acolhimento e a UFSC e contribuir na formação de profissionais de saúde mais implicados com as necessidades dos usuários do SUS.

O objetivo deste texto, portanto, foi narrar experiências da extensão universitária desenvolvida com mulheres que vivem com transtornos psiquiátricos e os efeitos destas práticas na formação de estudantes e professores dos cursos de Fisioterapia e Medicina no âmbito do projeto Nise da Silveira.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo trata-se de um relato de experiência, de caráter exploratório e descritivo, que busca narrar experiências no âmbito de um projeto de extensão universitária. De junho de 2022 à dezembro de 2023 aconteceram 32 oficinas de arte-cuidado, incluindo dispositivos como a pintura, contação de histórias, música, escrita, fotografia, dança e colagem. As oficinas foram organizadas e conduzidas por professores e estudantes dos cursos de Fisioterapia e Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, campus Araranguá, e realizadas no Lar de Acolhimento San Marco, tendo como público-alvo 30 mulheres com transtornos psiquiátricos que residem no local, a maioria com diagnóstico de esquizofrenia.

O Lar de Acolhimento onde o projeto de extensão é realizado funciona na modalidade “Residência Inclusiva” e abriga 30 mulheres com transtornos psiquiátricos, cujo objetivo é promover cuidado. A instituição foi fundada em 2017 por uma cuidadora de idosos que percebeu a necessidade de um atendimento deste segmento na região. A casa localiza-se em área rural, a

seis quilômetros do centro da cidade, numa paisagem constituída predominantemente por grandes plantações de arroz. Ainda, o residencial conta com 8 cuidadoras e funciona 24 horas/dia.

O município de Araranguá localiza-se no extremo-sul de Santa Catarina, região que foi colonizada na primeira metade do século XVI, com a chegada dos europeus e extermínio dos povos indígenas que viviam no local, principalmente a etnia Xokleng (Zanelatto, Jung e Osório, 2015). O estado de Santa Catarina é o estado com maior percentual de pessoas que se autodeclararam brancas no país (IBGE, 2010), e é historicamente marcado pelo conservadorismo. Além disso, o município possui 70 mil habitantes e, entre a população, 28% encontram-se em situação de pobreza, percentual superior ao índice do estado (IBGE, 2010).

As atividades eram realizadas quinzenalmente, e nos dias entre as oficinas ocorriam atividades de educação permanente e reuniões entre os extensionistas e a coordenação do projeto, com o objetivo de avaliar as oficinas, ouvir as percepções dos participantes, discutir as particularidades encontradas e planejar a oficina da semana seguinte. Em cada oficina, o grupo de estudantes e professores se dirigia até o Lar, levando os materiais necessários, como tintas, folhas, instrumentos musicais, papéis, cartolinas e câmera fotográfica.

Durante as oficinas de arte-cuidado, os estudantes e professores se mantinham junto às mulheres, ouvindo suas histórias, favorecendo o acolhimento, a escuta e a criação de vínculos. Foram desenvolvidas, nos 32 encontros, seis diferentes oficinas, com duração de aproximadamente 1h e 30 minutos cada, das quais participaram cerca de 25 mulheres:

- (1) oficina de pintura livre, em que, por meio da expressão artística em tela, era incentivada a manifestação dos sentimentos através das cores. Cada participante podia pintar livremente, quantas telas desejasse;
- (2) oficina de música, onde a sonoridade por meio de instrumentos musicais produzia afeto. Diversos instrumentos foram disponibilizados, permitindo que as participantes escolhessem seus favoritos e experimentassem diferentes sons e ritmos;
- (3) oficina de histórias, na qual eram lidos textos e fábulas para incentivar a imaginação. Algumas participantes leram ou contaram histórias em voz alta, e outras preferiram apenas ouvir;
- (4) oficina de escritas, em que era incentivada a fabricação de cartas a pessoas próximas. Cada participante podia escrever sua carta, endereçada a quem desejasse;
- (5) oficina de miçangas, cujo objetivo era produção de colares e pulseiras para incentivar as habilidades manuais. Com a ajuda dos voluntários do projeto, as participantes produziram diversas pulseiras de miçangas, testando diferentes combinações de cores e estilos;

(6) oficinas de fotografia, onde havia a produção fotográfica e posterior visualização coletiva das imagens que foram representadas, valorizando a estética individual.

A Figura 1 ilustra o logo criado por estudantes e professores para o projeto de extensão, que traz no cerne a imagem de Nise da Silveira já idosa, rodeada por flores vermelhas que representam afeto e cuidado, cujo fundo abstrato em amarelo simboliza a produção do conhecimento em saúde mental. O próprio subtítulo do projeto carrega em si um deslocamento, no qual o termo *entre* impõe uma intersecção e um borramento eminente quando se propõe um fazer-pensar por meio da arte e do cuidado.

No decorrer de 18 meses, o projeto foi contemplado com quatro bolsas de extensão do Programa de Bolsas de Extensão – PROBOLSAS, da Universidade Federal de Santa Catarina (Edital n. 4/2022/PROEX e Edital n. 7/2023/PROEX).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), sob o parecer número 5.833.306. A utilização das imagens foi autorizada pela responsável pelo Lar de Acolhimento San Marco.



Figura 1 – Logo do projeto.

Fonte: Os autores

## RESULTADOS E ANÁLISES

### O Lar de Acolhimento e as mulheres que fazem arte: loucura e gênero na produção do cuidado

As mulheres que residem no Residencial possuem, em sua maioria, diagnóstico médico de esquizofrenia e encontram-se em situação de dependência e de extrema vulnerabilidade social,

## **Entre a arte e o cuidado em saúde mental: oficinas com mulheres que vivem com esquizofrenia no sul do Brasil**

recebem o Benefício de Prestação Continuada e possuem vínculos familiares rompidos e/ou fragilizados. A maioria é branca, possui mais de 30 anos de idade e tem baixa escolaridade. Muitas delas viviam em situação de rua, outras possuíam histórico de aprisionamento em manicômios antes de morar no residencial e, além disso, verbalizaram inúmeras histórias de violência física, verbal, sexual e patrimonial ao longo da vida, além da separação compulsória dos filhos.

A situação em que as mulheres participantes do projeto se encontram, todas elas institucionalizadas e vulnerabilizadas, simboliza que o conceito de gênero surge para afirmar que as diferenças sexuais não são por si determinantes das desigualdades sociais entre homens e mulheres, mas são significadas pela cultura, de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais (Butler, 2003). Esse entendimento passa a existir a partir do movimento feminista, contrapondo a ideia de determinismo biológico no uso de termos como “sexo”, que reduzia a análise dos indivíduos às diferenças do corpo. O gênero, portanto, é um determinante social importante, que deveria ser considerado na compreensão dos processos de saúde e doença, embora mesmo os autores que analisaram a loucura e saúde mental no ocidente, como Michel Foucault, passaram despercebidos pelo tema (Zanello, 2018).

Além disso, essas mulheres são cuidadas por outras mulheres. A tarefa de cuidar também é influenciada pela desigualdade de gênero, visto que, homens não são ensinados a cuidar de outras pessoas e o abandono por parte dos maridos, pais e companheiros é uma realidade das mulheres que residem nesse Lar de Acolhimento.

## ***Entre a arte e o cuidado em saúde mental: narrando experiências do Projeto Nise da Silveira***

A extensão é a área acadêmica mais dinâmica, viva e pulsante da universidade. Através dela, a instituição assegura seu compromisso ético que, para além de formação técnica, também se constitui na participação da construção de cidadania e na implicação com uma formação humanitária, que tenha compromisso com a transformação social (Santana et. al, 2021).

O projeto “Nise da Silveira: entre a arte e o cuidado em saúde mental” vai para além das práticas de extensão comuns nos cursos da área da saúde, cuja maioria possui cunho assistencialista, onde é prestada assistência à população no ambiente da própria instituição de ensino. Considerando que a saúde das pessoas se produz no cotidiano, no pulsar de suas vidas (Merhy, 2020), ao entrar em contato com o território onde reside o público-alvo, os estudantes vivenciam uma realidade que evidencia como as questões de saúde têm suas origens nos problemas sociais.

Dessa forma, fica claro que, frequentemente, as ações específicas de suas profissões são insuficientes para dar conta dos problemas que afetam a saúde das coletividades. Essa vivência contribui para a compreensão de que embora alguns problemas sejam muitas vezes impossíveis de serem curados, são possíveis serem cuidados. Além disso, contrariando a lógica de relações duras e impessoais, cunhadas pela lógica cartesiana e pelo modelo biomédico que predomina em muitas áreas da saúde e na vida acadêmica, esse projeto de extensão se apresenta como um espaço de estabelecimento de relações baseadas no encontro, no afeto, no acolhimento e no vínculo. Ainda, coloca em contato a diferença e os diferentes, o que contribui para superar os abismos da desigualdade que ainda sustentam as práticas na área da saúde.

A Figura 2 demonstra algumas oficinas de pintura que foram realizadas no decorrer de 18 meses do Projeto Nise da Silveira. As oficinas terapêuticas, aqui denominadas de *oficinas de arte-cuidado*, são estratégias que favorecem o processo de reabilitação psicossocial, configurando-se como atividades em grupos que abordam diversos temas e conteúdos, mas com o intuito de promover maior integração social, expressividade, desenvolvimento de habilidades corporais, realização de atividades produtivas e o exercício coletivo de cidadania (Brasil, 2004). Ainda, é um espaço privilegiado para narrar a vida, compreendendo que contar histórias contribui para ressignificar experiências traumáticas e produzir novas subjetividades, mais potentes e libertadoras. Assim, a arte pode ser utilizada como instrumento potencializador desse processo, cuidando, ampliando a percepção, resgatando a autoestima e despertando a criatividade dos indivíduos.

A criatividade é um aspecto que tem sido discutido por diversos autores, que indicam a arte como campo fértil para o exercício da invenção, pois por meio dela aprendemos a criar formas, sempre provisórias, em que o novo está a todo tempo existindo como possibilidade (Guerreiro et. al, 2022). Essa criatividade é diferente daquela exigida pela estrutura capitalista, em que o sujeito deve ser criativo e produtivo sempre, visando ao consumo excessivo, individualista e competitivo. Fala-se, aqui, de uma criatividade que serve como dispositivo para transformar a sociedade (Zanella, Da Ros, Reis, & França, 2003), investindo no sujeito como protagonista, e esse processo de lidar criativamente com a vida é também um modo de produzir saúde.

As oficinas realizadas no projeto de extensão apresentaram impactos e particularidades diferentes sobre cada uma das mulheres: nas oficinas de pintura, uma delas, que possui deficiência auditiva, pintava sempre em tinta preta, com força; na oficina de fotografia, elas ficavam impactadas ao se verem na tela da câmera após muito tempo sem reconhecer o próprio rosto; a oficina de música ficou marcada pela música Maluco Beleza, do Raul Seixas, tocada no violão, despertando uma intensa produção de subjetividade; na oficina de escrita, uma das mulheres

sempre escrevia cartas endereçadas aos familiares, dizendo que sentia saudades e que os amava; e na oficina de desenho, sempre havia desenho de casas e igrejas, simbolizando Deus.

A arte permite a expressão de conteúdos que transcendem a lógica estrutural da linguagem, e a sua utilização em oficinas terapêuticas pode possibilitar a projeção de conflitos internos/externos (Vale et. al, 2021), como no caso do pintar tudo em tinta preta ou de desenhar casas e igrejas. A produção do cuidado por meio da arte constitui-se como um deslocamento entre a Arte e a vida (Favaretto, 2011). É neste movimento, no qual a arte não está mais apenas enclausurada nos espaços fechados (como nos museus e nas galerias) nem se refere aos artistas como gênios imperturbáveis, é que situamos as oficinas realizadas no âmbito do projeto. Lima e Pelbart (2007) são autores que indicam as contribuições da arte, cuja ênfase não está no produto final, e sim no processo, seja o de criação, seja o de feitura dos objetos. Exemplos disso são as instalações, como a Cosmococa, de Hélio Oiticica, que convida o sujeito comum para um contato sensorial em um ambiente composto por objetos dispostos pelo artista, sendo as intervenções artísticas de uma beleza que não se situa na durabilidade, mas no efêmero e no transitório. Em síntese, compreende-se a arte como processualidade, efemeridade e transitoriedade, o que, nesse sentido, aproxima-se de uma experiência estética que possibilita repensar e inventar modos de existência.

Além disso, no início do projeto muitas relutavam em participar das atividades e se apresentavam receosas, mas com o passar do tempo, com a criação de vínculo e confiança, passaram a participar de maneira ativa. Os integrantes do projeto sempre eram recebidos e acolhidos com afeto no Lar de Acolhimento, manifesto por sorrisos, abraços e beijos, numa expressão genuína de retribuição.

Os resultados desse projeto vão ao encontro à ideia de que a arte é transformadora, criadora de “espaços existenciais”, e que pode promover saúde mental. Percebe-se que as oficinas de arte-cuidado possibilitaram às mulheres estabelecer laços com outras mulheres e consigo mesmas, com estudantes e professores, além de criarem oportunidades de diálogo, permitindo que contem suas histórias de vida e que suas narrativas sejam ouvidas e acolhidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências narradas neste texto e que povoam a práxis do Projeto de Extensão “Nise da Silveira: entre a arte e o cuidado em saúde mental” trazem em si a potência para modificar a forma como estudantes, futuros profissionais de saúde, significam e ofertam cuidado às pessoas com transtornos psiquiátricos ou outras vulnerabilidades. Tal mudança vai ao encontro ao



proposto por políticas públicas, como a Lei da Reforma Psiquiátrica, que assegura direitos a esses indivíduos, sem qualquer forma de discriminação. Apostamos, portanto, que essas experiências contribuam para qualificar a formação e a atuação de profissionais implicados com a realidade social, com o Sistema Único de Saúde e com a vida, cuja ética baseia-se no vínculo, nas subjetividades e em práticas pautadas no afeto, no sentido espinozista de, por meio do encontro, afetar e ser afetado.

As limitações e dificuldades do projeto são inúmeras, como a distância e o difícil acesso ao Lar de Acolhimento, o que dificulta o deslocamento dos estudantes; a falta de recursos financeiros; a supremacia acadêmica de perspectivas biomédicas que relegam e secundarizam projetos do campo da Saúde Coletiva; o preconceito e o estigma ainda existente com relação à loucura, que afasta estudantes e professores; e a falta de apoio da rede pública de saúde do município, que impossibilita um cuidado integral em saúde a essas mulheres.

O projeto, por fim, tem atingido seus pressupostos e provocado impactos sobre as pessoas envolvidas, tanto no âmbito da formação quanto do cuidado, interseccionando a linha tênue que envolve o ensino, a extensão e a intervenção social. Ainda, ao fomentar o pensamento crítico, reflexivo e humanizado, abre caminhos para novos fazeres, cuja aposta é na solidariedade como um caminho do cuidado.

## **AGRADECIMENTOS**

À UFSC pela concessão das bolsas PROEX. Aos discentes e docentes participantes do projeto e, principalmente às mulheres que vivem no Lar de Acolhimento San Marco, por nos ensinarem tanto durante o decorrer do projeto.

## REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 23, n. 6, p. 2067-2074, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 10.216, Lei da Reforma Psiquiátrica de 06 de abril de 2001. *Diário Oficial da União*.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília, 2004.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Tradução de Renato Aguiar.
- EMERICH, Bruno Ferrari; ONOCKO-CAMPOS, Rosana. Formação para o trabalho em Saúde Mental: reflexões a partir das concepções de Sujeito, Coletivo e Instituição. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, p. e170521, 2019.
- FAVARETTO, Celso F. Deslocamentos: entre a arte e a vida. *Ars (São Paulo)*, [S.L.], v. 9, n. 18, p. 94-109, 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-53202011000200007>.
- GUERREIRO, Caroline; MEINE, Isadora Ribeiro; VESTENA, Liliane Tomazi; SILVEIRA, Luciana de Andrade; SILVA, Manoella Preuss da; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. A arte no contexto de promoção à saúde mental no Brasil. *Research, Society And Development*, [S.L.], v. 11, n. 4, 18 mar. 2022. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i4.22106>.
- GOMES, Lidiane Bernardo; LEITE-JUNIOR, Francisco Francinete. NISE DA SILVEIRA: arte, ciência e saúde mental. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 1512-1520, 30 dez. 2022. *Revista Interfaces: Saude, Humanas e Tecnologia*. <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434x.v10.e3.a2022.pp1512-1520>.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 709-735, set. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702007000300003>.
- MERHY, Emerson. Ensinar aonde a vida se produz: experimentações. In: Dias, M. T. G. et al. (org.). Quando o ensino da saúde percorre territórios: dez anos da Coordenadoria de Saúde. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/project/quando-o-ensino-da-saude-percorre-territorios-dez-anos-a-coordenadoria-de-saude/>.

## Entre a arte e o cuidado em saúde mental: oficinas com mulheres que vivem com esquizofrenia no sul do Brasil

SANTANA, Regis Rodrigues; SANTANA, Cristina Célia de Almeida Pereira; NETO, Sebastião Benício da Costa; OLIVEIRA, Ênio Chaves de Oliveira. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. *Educação & Realidade*, v. 46, n. 2, p. e98702, 2021.

SILVA, Thainan Alves; SILVA, Ananda Sodré; MARTINS FILHO, Ismar Eduardo; NERY, Adriana Alves; VILELA, Alba Benemérta Alves. (Re)Visitando a reforma psiquiátrica brasileira: perspectivas num cenário de retrocessos. *Avances En Enfermería*, [S.L.], v. 38, n. 3, p. 380-386, 1 set. 2020. Universidad Nacional de Colombia. <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v38n3.82440>.

VALE, Cibele Silva do; RIBEIRO, Anne Karoliny Carvalho Mendonça; SILVA, Natana Souza da; LAGO, Rozilaine Redi; LAGO, Samara Devai. Arteterapia como estratégia de cuidado em saúde mental no âmbito da atenção primária. *Jmp hc | Journal Of Management & Primary Health Care | Issn 2179-6750*, [S.L.], v. 13, p. 01-02, 6 out. 2021. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/jmp hc.v13.1162>.

ZANELATTO, João Henrique; JUNG, Gilvani Mazzucco; OZÓRIO, Rafael Miranda. Índios e brancos no processo colonizador do sul catarinense na obra "histórias do grande Araranguá", de João Leonir Dall'Alba. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 174-202, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/2355/1983>.

ZANELLA, Andréa Vieira; ROS, Sílvia Zanatta da; REIS, Alice Casanova dos; FRANÇA, Kelly Bedin. Concepções de criatividade: movimentos em um contexto de escolarização formal. *Psicologia em Estudo*, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 143-150, jun. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722003000100017>.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018, 301 p.

Recebido em: 14/12/2023

Aceito em: 15/08/2024